

# Do orfeonismo em Portugal

Segunda das palestras musicais feitas pelo  
Maestro Armando Leça na Rádio-Porto.

Srs. radiófilos. Vocelências já ouviram falar a gente algarvia, a alentejana, a minhota ou a mirandesa? Fixaram a entoação dos ditongos cantantes dos naturais do Sul, a emissão delicada do povo beirão ou a serena silabagem do mirandês com a gravidade da sua fala?

Quantos viajados que por tal não deram, despercebidos do *u* do monchiqueiro ou dos moradores de Castelo de Vide, do *ch* beirão, do duro *ão* quasi explosivo do duriense, do suave *ê* ou *ó* alentejano . . .

Se esses viajados tivessem o treino dos grupos orfeónicos e portanto o seu ouvido educado, habituado aos intervalos musicais, então facilmente reparariam nessas variantes locais e características.

Mas, da educação auditiva quanto andamos arredios da sua familiaridade, até dos mais rudimentares elementos da acústica e, que de belezas sonoras se nos escapam, não desperdiçamos inconscientemente . . .

Se dentro do nosso país se nos deparam essas variantes de entoação, como nos não serão diferentes os estranhos?

Mas, como falar o francês, o italiano ou o inglês, como mantermos pequenos diálogos com os naturais desses países se conhecendo-lhes os vocábulos e as gramáticas não fixamos a sua fonética? Quem pertencer a um grupo coral entra com essa vantagem no estudo das línguas!

\*  
\* \* \*

E ouvir? Saber ouvir? Quem o sabe? Quem sabe gozar as belezas sonoras que se seguem de compasso em compasso? Saber ouvir mas como? Se não houver treino contínuo? Perde-se o trivial do que é artístico, do pessoal comum dum época. Aos primeiros compassos seguir-se a imaginação poética do seu autor, o construtivo, a escola, a época e até o seu próprio país.

Saber ouvir! Mas como é subtil, delicado, de página em página no rasto da inspiração bulhante e surpreender-se então as confidências dum alma amorosa, límpida, veemente, crisotorturada, heróica ou simples!!!

Saber-se ouvir e, de olhos quasi fechados, compartilhar do banquete de beleza que nos oferece um ser criador e numa comunhão de vitalidade com ele sofrer e fabular; nesses momentos de sensibilidade a vida ser apenas ritmo, nesses momentos ser-se mais rico que o mais rico e mais independente que o maior libertino.

Saber ouvir? Quem o sabe?

Ora quando se faz parte dum grupo coral habituamo-nos a ouvir não só as vozes dos outros como também a nossa.

*Continua.*